

A manutenção de um periódico com o perfil da *Revista Estudos Feministas* requer dedicação por parte de sua equipe, confiança de suas/seus colaboradoras/es e recursos materiais. Desde que a *Revista Estudos Feministas* instalou-se em Santa Catarina, a prática de trabalho em equipe tem se alargado. A cada dia novas pessoas são incorporadas à sua editoria, dividindo as tarefas e responsabilidades. Nessa divisão participam não somente as pessoas residentes em Florianópolis, sede atual da Revista, como também pessoas que vivem em outras cidades, como Porto Alegre, Curitiba, Brasília e Rio de Janeiro. O uso da rede virtual permite o contato rápido e eficiente.

Toda a equipe, que no momento soma 29 pessoas, tem dado suporte às múltiplas decisões que são tomadas no dia-a-dia, desde a chegada dos artigos, o envio destes para pareceristas externos ou o retorno para reformulação até a escolha das propostas de dossiês, seções temáticas, entrevistas, debates, ensaios e resenhas. Partilhar essas decisões implica um exercício de direção democrática, apoio mútuo e ampla solidariedade. Convém destacar que nenhuma dessas pessoas é remunerada por fazer esse trabalho.

A confiança das pessoas que colaboram com a *Revista Estudos Feministas* é, a cada dia, comprovada. Recebemos cerca de 10 artigos novos por mês para avaliação. Além desses, são recebidas inúmeras propostas de dossiês e seções temáticas, debates, resenhas, entrevistas, ensaios. Este número demonstra que as pessoas querem publicar na *Revista Estudos Feministas* e que este periódico se tornou um lugar de visibilidade para o que se pesquisa e escreve no campo feminista e do gênero.

Entretanto, o principal obstáculo que temos enfrentado são os recursos financeiros reduzidos. Embora a Universidade Federal de Santa Catarina nos proporcione a infra-estrutura e o despacho das publicações, embora contemos com um número significativo de assinantes, que somam anualmente entre 150 e 200 pessoas, e também consigamos vender vários números avulsos, principalmente nos eventos acadêmicos e militantes, esses aportes não são suficientes para cobrir as despesas com a revisão, diagramação e impressão da Revista.

Os recursos públicos que recebíamos costumeiramente do CNPq, para este ano de 2005, foram reduzidos à metade, ao passo que os custos de publicação aumentaram. O impasse em que estamos é, então, o de encontrar outras fontes de

recursos que garantam a continuidade da Revista. Assim, além do trabalho costumeiro da equipe que participa ativamente da elaboração da Revista, temos, neste momento, que escrever projetos, fazer solicitações, discutir formas, propor soluções que mantenham essa tarefa que com tanta disposição temos abraçado.

A situação é contraditória. Justamente no momento em que a Revista possui sua melhor avaliação em diversos Qualis de diferentes disciplinas, quando inúmeras pessoas confiam à Revista seus artigos e quando a equipe se expande, incorporando novas colaboradoras, e mais, quando a Revista muda sua periodicidade, passando a ser uma publicação quadrimestral, parte do trabalho tem que ser destinado a buscar formas de sobrevivência do periódico que, evidentemente, não pode manter-se sem aportes públicos.

Com certeza, o que levou o CNPq a reduzir drasticamente os recursos destinados à Revista não foi o seu desempenho nestes últimos anos. A avaliação excelente que a Revista possui impossibilita essa dedução. Certamente tratou-se de uma política de distribuição de recursos que, buscando atender a um maior número de periódicos, reduziu os aportes de cada um. Assim, mesmo considerando que esse tipo de política tem seus méritos, insistimos em lembrar que a qualidade de um periódico como a *Revista Estudos Feministas* – mesmo com todo o trabalho gratuito de sua equipe – só pode ser garantida com apoio de recursos públicos. Desconhecemos a existência de periódicos acadêmicos que sobrevivam apenas de assinaturas e vendas de números avulsos.

Por isso, a organização deste número que agora apresentamos ao público foi permeada pela tarefa de fazer inúmeras solicitações a diferentes órgãos. Esperamos que algumas se concretizem para que a Revista continue sendo publicada com a qualidade pela qual temos lutado.

Neste número da *Revista Estudos Feministas* publicamos artigos, entrevista, ensaio, uma Seção Temática, além das tradicionais resenhas. Na seção Artigos, a revista abre com um texto traduzido de Joan Scott, conhecida do público brasileiro desde seu importantíssimo e conhecido artigo, publicado em 1990 na revista *Educação e Realidade*, no qual focalizava o gênero como uma categoria útil de análise histórica. Desde então seus trabalhos têm sido acompanhados pelas/os leitoras/es brasileiras/os. Em 2002, a Editora Mulheres publicou seu livro *A cidadã paradoxal*. No artigo que agora trazemos ao público, a autora faz uma discussão sobre os conceitos de igualdade e diferença, do gênero, das identidades individuais e de grupo, enfatizando a necessidade

de historicidade do tema dentro da sociedade contemporânea. O artigo trata também de questões que envolvem as políticas de ação afirmativa, diferenças de gênero e raça no mundo do trabalho, e o acesso de minorias a universidades.

As representações da maternidade focalizadas a partir dos documentos do Programa Nacional Bolsa-Escola, publicados entre 1999 e 2003, é o alvo do artigo de Carin Klein. Através dos conceitos de discurso, representação, identidade, gênero e poder, a autora, a partir de uma abordagem pós-estruturalista, aponta para a forma como esse Programa constitui as mulheres como aquelas que protegem, promovem, cuidam e fiscalizam a educação das crianças. A autora, então, questiona a forma como o Programa define funções para as mulheres.

Ainda sobre a questão da maternidade, Laurence Tain aborda a controvérsia colocada em torno da possibilidade de adiamento da maternidade, proporcionada pelas novas tecnologias reprodutivas. A fecundação *in vitro*, questiona a autora, permitiria liberar as mulheres dos limites cronológicos da maternidade ou serviria apenas para confirmar o seu destino maternal? Através de uma rica bibliografia feminista e médica produzida sobre o assunto, a autora focaliza esse debate.

Ainda na seção Artigos está sendo publicada uma Seção Temática, na qual cinco autores em quatro textos discutem gênero e juventude. Essa temática é nova no campo feminista e esperamos que sirva para ensejar novas pesquisas. O que esses artigos se propõem é questionar algumas idéias que se têm de juventude e compreender melhor a constituição das identidades juvenis. Em todos os artigos o que se observa é a forma como a juventude focalizada vive a exclusão social, apresentando dificuldades diversas que vão desde a falta de recursos materiais até a violência e, enfim, a vulnerabilidade social.

Na seção Ponto de Vista, apresentamos uma entrevista com Luc Capdevila, historiador francês, professor da Universidade Rennes 2. Sua entrevista foi realizada em 2004, ocasião em que esteve em Florianópolis participando do Simpósio Internacional Fazendo Gênero 6. Nesta entrevista ele focaliza as guerras nas transformações das relações de gênero. Na narrativa de sua trajetória profissional de historiador, aponta como, ao pesquisar as duas grandes guerras, teve seu olhar voltado para o gênero e como essa categoria de análise se coloca em sua carreira.

Na seção Ensaio temos o texto de Eli Bartra e John Mraz, que focalizam o quadro de Frida Kahlo *As duas Fridas* e os dois filmes sobre ela: o de Julie Taymor, de 2002, e o de Paul Leduc, de 1983.

Na seção Resenhas são apresentados seis livros, mantendo, assim, a tradição da *Revista Estudos Feministas* de divulgar o que se publica no campo feminista e do gênero. Nessas resenhas são abordados variados temas como: a desconstrução do gênero por Judith Butler; a vida e a obra de Nisia Floresta; a tragédia de Flora Emília; as discussões que envolvem corpo, gênero e sexualidade; as masculinidades e os sexos em guerra. Trata-se de livros recentes, publicados no Brasil e no exterior. Alguns são traduções, como o livro de Judith Butler; outros foram resenhados a partir dos originais em português ou em língua estrangeira, como o que aborda a guerra.

Para finalizar, queremos agradecer a todas as pessoas que nos enviaram textos para publicação, assim como àquelas que colaboraram com a Revista emitindo pareceres. Suas contribuições são imprescindíveis para o crescimento do campo de estudos que esta Revista abrange. Agradecemos ainda ao CNPq, à Fundação Ford e à Secretaria Especial de Políticas para Mulheres o apoio, e evidentemente a nossas/os assinantes, leitoras/es em geral e principalmente a toda a equipe que conosco tem construído este veículo de divulgação.

Joana Maria Pedro
Susana Bornéo Funck